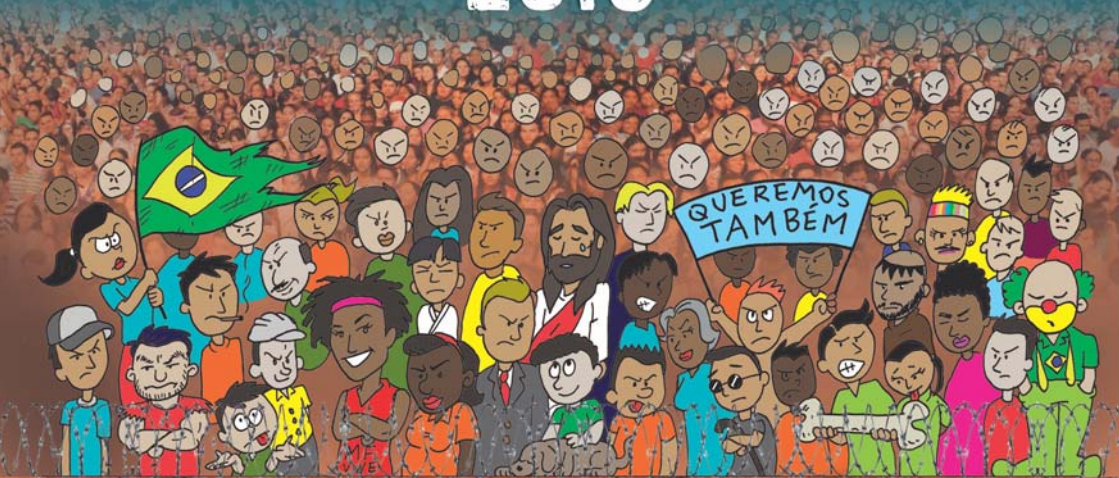
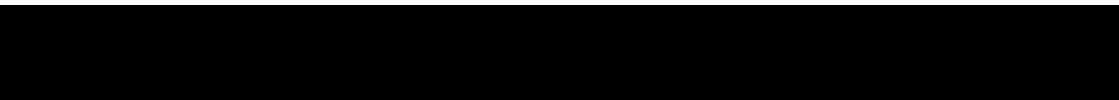


CRISTÃOS E CIDADÃOS RUMO ÀS ELEIÇÕES 2018





**CRISTÃOS CIDADÃOS
RUMO ÀS ELEIÇÕES**

2018



APRESENTAÇÃO

Querida irmã, caro irmão:

Paz e bem!

Chegamos até você com mais um material de Fé e Política, desta vez, em preparação às eleições de outubro de 2018. É um momento de extrema importância para todos.

Sabemos que a política em nosso país caiu no descrédito. Infelizmente, não sabemos mais em quem confiar, por isso apresentamos nesta cartilha quatro temas que podem lhe ajudar no momento de escolher seus candidatos.

Nossos encontros podem e devem ser adaptados conforme sua realidade. É importante ter a consciência de que não estamos apoiando partidos ou candidatos específicos, mas temos em mente que o Evangelho nos interpela a querer um estado e um país melhores para todos, não só para nós e/ou para alguns, privilegiados.

Que o Espírito de Deus nos ajude nesta hora! Vamos às urnas como cidadãos, como cristãos, desejosos de que todos tenham vida em abundância.

Equipe responsável

Frei Oton da Silva Araújo Júnior

Equipe de redação

Marcela Marques de Moura – História

Frei Oton da Silva Araújo Júnior – Teologia

Frei Valter Pinto Vieira Júnior – Biologia

Frei Vitor Vinícios da Silva – Filosofia

ORAÇÃO INICIAL PARA TODOS OS DIAS

Em nome do Pai...

Senhor de amor e de misericórdia, Pai dos pobres, hoje nos reunimos como teus filhos e filhas para refletir sobre tua ação no nosso mundo e pedir as bênçãos de teu Santo Espírito sobre o nosso país no momento em que nos preparamos para eleger nossos representantes.

Desejamos um Brasil onde todos tenham vida e oportunidades. Ensina-nos a nos reconhecer verdadeiramente como irmãos uns dos outros e de todas as criaturas.

Pedimos perdão, Senhor, por nossa falta de compromisso para com os pequenos e para com nossa mãe terra. Reconhecemos que muitos de nós estamos descrentes em relação à política, porém sabemos que nada mudará sem este caminho.

Dá-nos teu Santo Espírito. Ensina-nos a ter um coração semelhante ao vosso.

Vinde, Espírito Santo...

PRIMEIRO ENCONTRO

A DESIGUALDADE SOCIAL

L1: Caros irmãos e irmãs, bem-vindos a mais uma oportunidade de refletir e rezar por nosso país, neste momento tão importante em preparação às eleições que se aproximam. Como seguidores de Jesus, não podemos abandonar nosso ser cidadão, afinal, queremos vida em abundância para todos. Como as primeiras comunidades, coloquemos-nos em sintonia com o Espírito de Deus.

Canto:

*Nós estamos aqui reunidos
Como estavam em Jerusalém
Pois só quando vivemos unidos
É que o Espírito Santo nos vem*

Ninguém para esse vento passando
Ninguém vê, e ele sopra onde quer
Força igual tem o Espírito quando
Faz a Igreja de Cristo crescer

Feita de homens, a Igreja é divina
Pois o Espírito Santo a conduz
Como um fogo que aquece e ilumina
Que é pureza, que é vida, que é luz

L2: Em nosso primeiro encontro, vamos tratar da desigualdade social. No mundo, oito pessoas detêm o mesmo patrimônio que a

metade mais pobre da população. No Brasil, a situação é pior: apenas seis pessoas possuem riqueza equivalente ao patrimônio dos 100 milhões de brasileiros mais pobres e, além disso, os 5% mais ricos detêm a mesma fatia de renda que os demais 95%.¹

L3: Aqui no Brasil, essa desigualdade é estrutural e vem desde os tempos da colonização, quando todo o território brasileiro foi dividido e doado pelo Rei de Portugal para 12 famílias nobres portuguesas, fato que ficou conhecido como capitânicas hereditárias.

São diversos os fatores que explicam a situação de desigualdade extrema no Brasil, e, sem dúvidas, nossa bagagem histórica de quase quatro séculos de escravidão e nosso largo passado colonial criaram profundas divisões entre regiões, pobres e ricos, negros e brancos, mulheres e homens. Tal distanciamento marcou a forma como organizamos nossa sociedade, nossa economia e nosso Estado, diminuindo sua capacidade de redistribuir riquezas. Em outras palavras, não só nossa economia beneficia poucos mas também nosso Estado e nossa organização social contribuem para perpetuar desigualdades.

L4: Em se tratando do papel do Estado, nos últimos anos, o Brasil teve avanços, por meio de políticas públicas para atuar diretamente na camada mais baixa e menos privilegiada da nossa sociedade: pessoas pobres e negras, herdeiros das mazelas da nossa história. São programas de cotas nas universidades, programas de distribuição de renda como o Bolsa-Família, programas de agricultura familiar, de habitação, de mais oferta de médicos e de farmácia popular. Foram 14 milhões de pessoas saindo da linha da miséria, e dobrou-se o número de acesso de pessoas negras às universidades.

L1: Após 26 anos, o Brasil vive mais uma ruptura democrática, que nos leva a uma grave crise política, econômica e social. O ano de 2016 foi marcado pela violação da democracia, um direito do qual derivam vários outros direitos. Não nos enganemos: rompimentos democráticos acontecem periodicamente na história do Brasil.

L2: A medida mais nefasta para o futuro dos brasileiros foi a PEC 55, Proposta de Emenda à Constituição que congela o gasto público por

1 Os dados são do PNAD e do IBGE.

20 anos. As políticas públicas de saúde e educação eram, até então, investimentos vinculados ao orçamento do país, ou seja, tinham um percentual fixo das receitas anuais que não poderia baixar. O governo desvinculou os investimentos em saúde e educação e estabeleceu um teto para os gastos públicos, limitado à inflação do ano anterior, ou seja, sem aumento real. Isso significa uma queda significativa de investimento e ampliação desses e de outros serviços como habitação, assistência social, cultura e desenvolvimento agrário. Se essa regra já estivesse valendo em 2015, a saúde teria tido 32% menos recursos, e a educação, 70% menos. Mais uma vez, a conta vai para os mais pobres.

L3: Mesmo que alguns de nós possamos fazer parte de uma parcela mais privilegiada da nossa população – que temos acesso a educação particular, planos de saúde e previdências privadas; todas as refeições garantidas, trabalho e moradia, por exemplo –, não podemos deixar de pensar e acreditar que, quanto menor for a desigualdade de renda, maior será a garantia a serviços essenciais como oferta de água ou de médicos, menores serão as taxas de mortalidade infantil e maior será a expectativa de vida ao nascer. Combater desigualdades é também o caminho para vivermos em uma sociedade menos violenta, já que a exclusão social está diretamente relacionada ao aumento da violência, seja na cidade, seja no campo.

L4: Por fim, a boa saúde de uma democracia depende de sociedades igualitárias: quanto mais houver a desigualdade e a interferência indevida de elites na definição de políticas, menor será a crença das pessoas na capacidade de a democracia melhorar suas condições, e menor será a crença na democracia em si.

Deus nos fala

Cantemos para ouvir a Palavra de Deus:

Buscai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será acrescentado, aleluia.

Nem só de pão o homem viverá, mas de toda palavra que procede da boca de Deus, aleluia.

Leitura: Amós 4, 1-3

L1: Segundo uma interpretação, o trecho que ouvimos é dirigido contra as mulheres ricas de Samaria, chamadas de “vacas de Basã”, mulheres de personagens importantes, que ocupam o tempo em luxuosos banquetes, e, ao mesmo tempo, são responsáveis pela opressão e exploração dos empobrecidos. A imagem de um banquete só de madames é, no mínimo, curiosa em uma sociedade machista e patriarcal, assim como atribuir às mulheres a responsabilidade pela opressão e pela injustiça.

L2: A região de Basã é famosa pela fertilidade do solo. Este trecho é o único a utilizar a expressão “vacas de Basã” em todo o Antigo Testamento, porém talvez o termo não se refira propriamente a mulheres, mas a homens que quiseram ser como os “touro” de Basã, pela força, autoridade e dignidade; tornaram-se “vacas” com as conotações depreciativas que as formas femininas podem ter no Antigo Testamento.

L3: Na profecia de Amós, há uma crítica aos agentes e mecanismos de exploração e opressão dos camponeses empobrecidos sob o governo do rei Jeroboão II e sob as condições de relações de empréstimos e dívidas entre pessoas do próprio povo no século VIII a. C.. Em outros termos, o profeta Amós não apenas critica pessoas corruptas, contudo questiona também o sistema gerador de pessoas corruptas.

L4: Não somente as mazelas pessoais estão na mira do “camponês” que entrou para a história como um grande profeta. Amós tem consciência de que o problema fundamental da injustiça reinante na sociedade não é fruto somente de fraquezas e ambiguidades individuais, mas tem como força geradora as estruturas sociais, econômicas, políticas, culturais e religiosas que engrenam uma máquina de moer pessoas. Na mira do profeta Amós, também estão relações comerciais que causam endividamento, aprisionam pessoas e escravizam, retirando a liberdade de ser pessoa humana.

Em outras palavras, Amós vê o pecado das pessoas de sua época em relação ao modo como a sociedade é injusta, mas sabe que isso não é um problema de uma ou outra pessoa, e sim, de uma estrutura

injusta, que envolve vários agentes, e que penaliza, sobretudo, os pobres.

Vamos conversar:

Para você, quais são as causas da desigualdade social no Brasil?

Em que a profecia de Amós tem a ver conosco hoje?

Como podemos superar esta situação de injustiça no país em que tantos têm bastante e muitos não têm nada?

Vamos ouvir um trecho do Documento de Aparecida sobre a desigualdade social (n. 358):

As condições de vida de muitos abandonados, excluídos e ignorados em sua miséria e dor contradizem o projeto do Pai e desafiam os cristãos a um maior compromisso a favor da cultura da vida. O Reino de vida que Cristo veio trazer é incompatível com essas situações desumanas. Se pretendemos fechar os olhos diante dessas realidades, não somos defensores da vida do Reino e nos situamos no caminho da morte: nós sabemos que passamos da morte para a vida porque amamos os irmãos. “Aquele que não ama permanece na morte” (1 Jo 3,14). É necessário sublinhar a inseparável relação entre o amor a Deus e o amor ao próximo, que “convida todos a suprimir as graves desigualdades sociais e as enormes diferenças no acesso aos bens”. Tanto a preocupação por desenvolver estruturas mais justas como por transmitir os valores sociais do Evangelho situam-se neste contexto de serviço fraterno à vida digna.

Preces espontâneas

Pai-Nosso (de mãos dadas)

Senhor da vida, Pai dos pobres e dos ricos, ensina-nos a ser irmãos. Dá-nos coragem contra a imensa desigualdade social que assola nosso país. Não queremos um país de poucos. Queremos vida em abundância para todos.

Nessas eleições, abre, Senhor, nosso olhar e nos ajuda a escolher os candidatos mais preocupados e dispostos a minimizar a desigualdade social em nosso país.

Por Cristo, nosso Senhor, amém.

Bênção final

O Senhor nos abençoe e nos guarde.

O Senhor nos mostre sua face e tenha misericórdia de nós.

O Senhor volte para nós o seu rosto e nos dê a paz.

O Senhor nos abençoe, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Amém!

Canto final (à escolha)

2 SEGUNDO ENCONTRO

OS JOVENS E A POLÍTICA

L1: Queridas irmãs e queridos irmãos, sejam todos bem acolhidos em mais um dos nossos encontros, em que somos alimentados e iluminados pela palavra do Criador. É fato que são muitos os desafios que enfrentamos na atualidade, contudo é necessário filtrarmos e elegermos aqueles que acreditamos ser os mais comprometidos na sociedade. Assim, escolhemos como tema deste nosso encontro “as juventudes” como um assunto importante, pois, além de fazer presença na atualidade, é espelho para o futuro.

Vamos iniciar nosso encontro, cantando:

Eu venho do sul e do norte
Do oeste e do leste, de todo lugar
Estradas da vida eu percorro
Levando socorro a quem precisar
Assunto de paz é meu forte
Eu cruzo montanhas e vou aprender
O mundo não me satisfaz
O que eu quero é a paz, o que eu quero é viver

*No peito eu levo uma cruz
No meu coração, o que disse Jesus
No peito eu levo uma cruz
No meu coração, o que disse Jesus*

Eu sei que eu não tenho a idade da maturidade
De quem já viveu, mas sei que eu já tenho a idade
De ver a verdade o que eu quero é ser eu
O mundo ferido e cansado de um triste passado
De guerras sem fim, tem medo da bomba que fez
E da fé que desfez mas aponta pra mim

*No peito eu levo uma cruz
No meu coração, o que disse Jesus
No peito eu levo uma cruz
No meu coração, o que disse Jesus*

L2: Antes de qualquer outro passo, entendamos o que é juventude. Será que os jovens hoje são todos iguais? Será que a palavra ‘juventude’ abarca todos os jovens ou existem ‘as juventudes’, ou seja, variados grupos de jovens com características próprias? Há possibilidade de pensarmos a faixa etária, entre a infância e a vida adulta, ou o momento de transição de uma situação de dependência para autonomia. Aqui, escolhemos entender juventude conforme o Estatuto da Juventude: “jovem é aquele que está entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade” (EJ, 2013, art. 1º, §1º). Dessa forma, são sujeitos de “direitos universais, geracionais e singulares” (EJ, 2013, seção I, art. 2º, IV). Assim, o termo mais adequado seria “juventudes”, no plural.

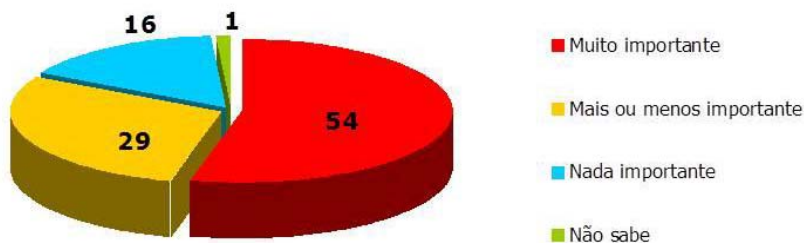
L3: Com essa compreensão, identificamos, na sociedade atual, variados grupos de jovens, que denominamos também como “tribos”, como as do *rap*, do *funk*, dos negros, LGBTs, entre outros. Cada uma apresenta um modo de vestir, de falar, de agir, de ver o mundo, enfim, de se colocar na sociedade.

L4: Essas tantas tribos, com características próprias, tornam-se um desafio para nós, hoje, pois todas elas anseiam por reconhecimento, buscam ser vistas e ouvidas. Infelizmente, não é a isso que temos assistido com relação às juventudes. Muitos não veem esperança no futuro, muitos ainda são mortos diariamente pelos mais variados

motivos. O índice de suicídio entre os jovens é alarmante, mesmo sendo abafado pelas mídias e até mesmo pelos meios políticos.

L1: O Mapa da Violência de 2017 (Ministério da Saúde) mostra que em 2002 o índice era de 5,1 suicídios entre os jovens de 15 a 29 anos por 100 mil habitantes, e em 2014 esse número saltou para 5,6. É necessário olharmos mais de perto os motivos que levam nossos jovens a tal decisão, indagarmos as causas da depressão, da perda de sentido ou da desesperança em relação à sociedade.

L2: Além disso, podemos perceber o desaparecimento das juventudes nos diversos lugares da nossa sociedade, como no âmbito político ou nas variadas formas de organizações. Afinal, por que os jovens não estão nesses espaços? Segundo o Portal da Juventude (Observatório participativo da juventude de 2013), grande parte dos jovens acredita numa mudança por meio da participação política e outras formas:



L2: A legislação brasileira é bastante favorável ao jovem para que ele ingresse na política. No Brasil, é necessário ter 18 anos para vereador; 21 anos para deputado federal, deputado estadual ou distrital, prefeito, vice-prefeito; 30 anos para governador e vice-governador dos estados e do Distrito Federal.

Certamente, a educação ocupa um papel importante nesse processo. Por meio da educação, construímos um país mais ético e humano e, assim, iniciamos a construção do reino prometido pelo próprio Deus. Nesse sentido, vamos pensar, juntos, as várias maneiras de nos aproximarmos das juventudes que nos cercam e de respondermos aos diversos desafios de hoje.

Deus nos fala

Vamos cantar:

Tua palavra é lâmpada para os meus pés, Senhor. Lâmpada para os meus pés, Senhor, luz para o meu caminho.

Leitura: Jeremias 1, 4-10

L3: Hoje vamos nos inspirar no exemplo do profeta Jeremias! Desde muito cedo, conforme seu texto, o profeta já era conhecido e chamado a uma missão: “Antes que você fosse dado à luz, eu o consagrei, para fazer de você profeta das nações” (1, 5), mas o profeta temeu diante de tal missão, pois acreditava ser jovem demais. Jeremias foi acalentado com as palavras do Senhor dizendo-lhe que não estaria sozinho, pois o próprio Deus falaria por meio de seus lábios.

L4: Podemos perceber já no Antigo Testamento um jovem homem ser chamado a profeta, isto é, aquele que denuncia as injustiças de seu tempo e aponta novos caminhos. Esse papel dado a Jeremias é, muitas vezes, o papel que esperamos das juventudes de nosso tempo, o papel de trazer novas utopias, sonhos e vida nova diante das realidades cruéis que vivemos. Nesse sentido, o profeta se faz exemplo para nós; aquele que se encontrava desesperado diante da grande missão e da realidade que vivia é escolhido e enviado pelo próprio Deus.

L1: Quanta semelhança se faz com as nossas juventudes frente à sociedade, à Igreja, à política! Será que são chamados a serem profetas ou são silenciados pelos sistemas de mortes? Segundo o *Documento final da reunião em preparação do Sínodo da juventude*, em 2019, os jovens devem ser protagonistas; a Igreja deve envolver jovens em processos de tomadas de decisões e oferecer-lhes mais funções de liderança. Isso nos mostra a importância dos jovens nas diversas realidades que temos.

L2: Os jovens são sinal de vitalidade, no entanto, vivem sob as sombras da descrença, da desesperança e do medo de “sobrar”, de não ter emprego, de faltar de oportunidade, de morrer por causa da

realidade de violência... É claro que o nosso tempo não é o mesmo que o do profeta Jeremias, porém a realidade turbulenta é semelhante ou até mesmo mais cruel. Vivemos num mundo conectado pela internet, somos capazes de privilegiar a relação virtual em detrimento das relações cotidianas e concretas, e isso gera carência de afeto, amor, enfim, calor humano. São condições árduas que pedem mudanças das realidades em que vivemos, e essas mudanças permitem melhores condições para as escolhas de nossos jovens por uma vida autêntica.

L3: À luz de Jeremias, percebemos que é necessário refletirmos sobre o papel das instituições e igrejas em relação às juventudes. Que possamos enxergar os nossos jovens e nos comprometermos com eles, a fim de permitirmos que eles sejam os novos profetas de nossos tempos, que apontem novos caminhos e suscitem vida nova nos vários ambientes em que vivemos!

Questões para conversarmos:

Qual é a realidade dos jovens do nosso bairro e da nossa cidade?

Por onde andam nossos jovens?

Nossa comunidade está aberta a escutá-los como voz profética?

Vamos ouvir o que nos diz a Igreja a respeito dos jovens

Às vezes, observamos que, entre a linguagem da Igreja e a dos jovens, abre-se um espaço difícil de preencher, não obstante haja muitas experiências de encontro fecundo entre a sensibilidade dos jovens e as propostas da Igreja nos âmbitos bíblico, litúrgico, artístico, catequético e dos meios de comunicação. Sonhamos com uma Igreja que saiba deixar espaços ao mundo juvenil e às suas linguagens, apreciando e valorizando a sua criatividade e os seus talentos.

Reconhecemos, em particular, no desporto, um recurso educativo que oferece grandes oportunidades, e na música e nas outras

expressões artísticas uma privilegiada linguagem expressiva que acompanha o caminho de crescimento dos jovens.

Na ação pastoral com os jovens, na qual é necessário empreender processos mais do que ocupar espaços, descobrimos, antes de tudo, a importância do serviço em prol do crescimento humano de cada um e dos instrumentos pedagógicos e formativos que podem sustentá-lo. Entre evangelização e educação, existe um fecundo vínculo genético que, na realidade contemporânea, deve ter em consideração a gradualidade dos caminhos de amadurecimento da liberdade (*Documento preparatório do Sínodo dos Jovens*, 2017, n. 4).

Preces espontâneas

Pai-Nosso (de mãos dadas)

Senhor da vida, Pai dos jovens, dá-nos corações jovens, abertos, alegres por serem teus discípulos e discípulas. Ajuda-nos a descobrir teu rosto em meio às juventudes de nosso tempo. Que teu Espírito de vida nos motive a lutar por elas e com elas!

Nestas eleições, abre, Senhor, nosso olhar e nos ajuda a escolher os candidatos mais preocupados e próximos da realidade dos jovens.

Por Cristo, nosso Senhor, amém.

Bênção final

O Senhor nos abençoe e nos guarde.

O Senhor nos mostre sua face e tenha misericórdia de nós.

O Senhor volte para nós o seu rosto e nos dê a paz.

O Senhor nos abençoe, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Amém!

Canto final (à escolha)

TERCEIRO ENCONTRO

O PAPEL DAS MULHERES NA SOCIEDADE ATUAL

Sejamos todos bem-vindos a este nosso terceiro encontro. Após refletirmos sobre a desigualdade social e o lugar dos jovens em nossa sociedade, hoje queremos voltar nosso olhar para a questão das mulheres, que ainda é motivo de grande preocupação. Vamos iniciar, cantando:

Quando o Espírito de Deus soprou
O mundo inteiro se iluminou
A esperança na terra brotou
E o povo novo deu-se as mãos e caminhou

*Lutar e crer, vencer a dor, louvar ao criador!
Justiça e paz hão de reinar e viva o amor!*

Quando Jesus a terra visitou, a boa nova da
Justiça anunciou: o cego viu, o surdo escutou,
E os oprimidos das correntes, libertou

Nosso poder está na união, o mundo novo vem
De Deus e dos irmãos, vamos lutando contra a
Divisão e preparando a festa da libertação!

Cidade e campo se transformaram, jovens
Unidos na esperança gritarão. A força nova

É o poder do amor, nossa fraqueza é força
Em Deus libertador!

L1: É perceptível como o papel das mulheres na nossa sociedade está se transformando. Mas qual é o papel dela na sociedade atual? Não vivemos mais em um tempo em que a mulher deveria ser apenas uma dona de casa que passava o dia cozinhando, lavando roupas, cuidando do marido e da família e limpando a casa.

O papel da mulher no mundo sempre esteve abaixo do homem. Na tradição ocidental, a mulher sempre foi considerada frágil e culpada pelo pecado e corrupção do homem. Foi Eva quem comeu o fruto do pecado e tentou Adão. Essa tradição durou milhares de anos e só começou a dar os primeiros sinais de mudança no século XX, com o aumento das fábricas e indústrias, exigindo cada vez mais mão de obra para trabalhar. E a revolução industrial trouxe a revolução feminista.

L2: Essa necessidade de mão de obra do começo do século XX fez com que muitas mulheres adotassem uma jornada dupla, trabalhando nas fábricas e sendo donas de casa, porém, isso ainda não mudou o papel da mulher na sociedade. Até a metade do século, o perfil idealizado era o da “Amélia” – que não tinha a menor vaidade –, para lembrar a música de Ataulfo Alves. Aquela dona de casa esperava o marido no portão de casa, todos os dias, com um avental, recebia-lhe com um beijo e servia a mesa para o jantar, enquanto ele tomava banho após um dia de trabalho.

L3: A partir da década de 60, surge o movimento feminista, que incorporou questões que necessitam de melhoramento e de luta até os dias de hoje, ligadas a saúde da mulher, igualdade entre homens e mulheres, proteção à mulher contra a violência doméstica, equiparação salarial, apoio em casos de assédio, entre tantos outros temas pertinentes à condição da mulher.

Mesmo com tanta luta e com tanta presença feminina no mercado de trabalho e nas universidades, por exemplo, as mudanças no campo cultural e social acontecem muito lentamente. Às meninas, a cor rosa e brinquedos ligados à vida doméstica; aos meninos, o azul e brinquedos como bolas e miniaturas de super-heróis.

L4: No âmbito social, as permanências acontecem principalmente pela falta de representatividade no campo político e nas esferas de decisões. As mulheres compõem a maioria do eleitorado brasileiro e possuem menos de 5% de representatividade na política. Há homens tomando decisões que implicam vivências sociais que eles desconhecem. Um exemplo disso é que, no Brasil, mesmo com a criação da Lei Maria da Penha, os dados de violência contra mulher não melhoram. Vejam só:

- 13 mulheres são assassinadas por dia no Brasil.²
- A cada cinco minutos, uma mulher é agredida no Brasil.³
- A cada 2 horas, uma mulher é vítima de homicídio; são 372 por mês.⁴
- Os homens ganham aproximadamente 30% a mais do que as mulheres com mesmo nível de instrução e idade.⁵

L1: Diante deste cenário tão complexo, nós, cristãos, precisamos pensar a nossa fé e religião e buscar “ressignificar” os textos bíblicos à luz dos avanços sociais e dos avanços conquistados pelas mulheres. No cristianismo, mistificou-se a visão da Bíblia como algo mágico, sem considerar o contexto histórico-social em que ela foi escrita. Os relatos patriarcais devem-se ao que se passou em uma realidade patriarcal. A Bíblia, porém, não está aí para orientar a vida das pessoas hoje de forma literal, e, sim, para ser entendida como a história de um povo e de uma época, em que se veem as opressões de gênero como fruto da sociedade patriarcal da época e não como um ensinamento cristão a ser reproduzido. Assim, nada se faz mais atual no campo religioso, social e cultural do que resgatar o grande e verdadeiro exemplo de Jesus: aquele que dedicou toda a sua vida a libertar todo e qualquer indivíduo das opressões.

2 MS/SVS/CGIAE – Sistema de Informações sobre Mortalidade – SIM.

3 Mapa da Violência 2012 – Homicídio de Mulheres.

4 Instituto Avante Brasil – IAB a partir de dados do DataSUS, do Ministério da Saúde – Mapa da Violência 2012.

5 Dados adquiridos no relatório “Novo século, velhas desigualdades: diferenças salariais de gênero e etnia na América Latina”, escrito pelos economistas do BID Hugo Ñopo, Juan Pablo Atal e Natalia Winder.

Deus nos fala

Vamos cantar para aclamar a Palavra de Deus:

Aleluia... Alguém do povo exclama: “Como é grande, ó Senhor, quem te gerou e alimentou!”

Jesus responde: “Ó mulher, pra mim é feliz quem soube ouvir a voz de Deus e tudo guardou!”

Leitura: Lc 1, 39-56

L1: Maria, muitas vezes, é representada como uma mulher fraca, passiva. Na verdade, ela é um grande personagem, que sabe a hora de falar e de calar, de reconhecer a presença de Deus na vida de seu povo. No anúncio que recebe de Deus, sabe que sua vida nunca mais será a mesma, afinal, o Poderoso fez maravilhas, mesmo que muitas situações difíceis estivessem por vir.

Maria é mulher agradecida, porque sabe que nem ela nem seu povo estão sozinhos. Com eles está o Emanuel, Deus presente, caminhante, iluminador e condutor do povo. Isso não quer dizer que nenhum mal acontecerá com eles, mas, perante o mal, terão força e coragem para lutar.

L2: Maria sabe que Deus é o Deus dos fracos, dos últimos, capaz de fazer justiça aos pequenos. Aqueles que gozam de boa-vida irão para o fim da fila. Quem estiver chorando será consolado por Deus. Quem estiver no trono vai cair de lá.

L3: De agora para frente, todos conhecerão o jeito próprio de Deus de valorizar aquelas pessoas que, muitas vezes, a sociedade despreza. Quando Jesus começar a andar pregando o Reino de Deus, Maria vai acompanhá-lo, às vezes, mais de perto, às vezes, de longe, mas sempre como discípula de seu Filho, admirada com seu jeito de tratar as pessoas e se relacionar com Deus.

Maria é mulher da esperança, mulher de fé e coragem, com “a estranha mania de ter fé na vida”, como dizia a canção.

Vamos conversar:

Quais são as grandes conquistas das mulheres em nossa sociedade?

O que mais falta para sermos uma sociedade mais igualitária?

Como Maria, mãe de Jesus, pode nos inspirar hoje?

Ouçamos o Papa Francisco ao falar do papel das mulheres em nossos dias:

Evangelii Gaudium 103 e 104.

A Igreja reconhece a indispensável contribuição da mulher na sociedade, com uma sensibilidade, uma intuição e certas capacidades peculiares, que habitualmente são mais próprias das mulheres que dos homens. Por exemplo, a especial solicitude feminina pelos outros, que se exprime de modo particular, mas não exclusivamente, na maternidade. Vejo, com prazer, como muitas mulheres partilham responsabilidades pastorais juntamente com os sacerdotes, contribuem para o acompanhamento de pessoas, famílias ou grupos e prestam novas contribuições para a reflexão teológica. Mas ainda é preciso ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva na Igreja. Porque “o gênio feminino é necessário em todas as expressões da vida social; por isso deve ser garantida a presença das mulheres também no âmbito do trabalho” e nos vários lugares onde se tomam as decisões importantes, tanto na Igreja como nas estruturas sociais.

As reivindicações dos legítimos direitos das mulheres, a partir da firme convicção de que homens e mulheres têm a mesma dignidade, colocam à Igreja questões profundas que a desafiam e não se podem iludir superficialmente. [...] Na Igreja, as funções “não dão justificação à superioridade de uns sobre os outros”. Com efeito, uma mulher, Maria, é mais importante do que os Bispos. [...] Aqui está um grande desafio para os pastores e para os teólogos, que poderiam ajudar a

reconhecer melhor o que isso implica no que se refere ao possível lugar das mulheres onde se tomam decisões importantes, nos diferentes âmbitos da Igreja.

Preces espontâneas

Pai-Nosso (de mãos dadas)

Senhor da vida, força de mulheres e homens, ensina-nos a nos respeitarmos como filhas e filhos vossos. Obrigado pela presença preciosa das mulheres em nosso meio. Perdoa-nos nossa injustiça para com elas. Que teu Espírito de vida nos motive a lutar por elas e com elas!

Nestas eleições, abre, Senhor, nosso olhar e nos ajuda a escolher os candidatos mais preocupados e próximos da realidade das mulheres.

Por Cristo, nosso Senhor, amém.

Bênção final

O Senhor nos abençoe e nos guarde.

O Senhor nos mostre sua face e tenha misericórdia de nós.

O Senhor volte para nós o seu rosto e nos dê a paz.

O Senhor nos abençoe, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Amém!

Canto final (à escolha)

QUARTO ENCONTRO

A POLÍTICA E A EQUAÇÃO AMBIENTAL

L1: Irmãos e irmãs, sejamos todos bem-vindos a mais este encontro em preparação às eleições. Nosso tema de hoje nos faz refletir em toda a beleza da criação a maneira como temos nos relacionado com nosso planeta, nossa terra, animais, plantas e, é claro, o ser humano, causa e consequência de toda a problemática ambiental! Nossos governantes têm uma responsabilidade direta sobre a gestão de nossos rios, nossa alimentação e saúde, bem como sobre os efeitos climáticos e toda a vida.

Vamos iniciar nosso encontro, cantando:

Canto

*Onipotente e bom Senhor
A ti a honra, glória e louvor!
Todas as bênçãos de ti nos vêm
E todo o povo te diz: amém!*

Louvado sejas nas criaturas
Primeiro o sol, lá nas alturas
Clareia o dia, grande esplendor
Radiante imagem de ti, Senhor

Louvado sejas pela irmã lua
No céu criaste, é obra tua

Pelas estrelas, claras e belas
Tu és a fonte do brilho delas

Louvado sejas pelo irmão vento
E pelas nuvens, o ar e o tempo
E pela chuva que cai no chão
Nos dá sustento, Deus da criação

L2: Certamente já ouvimos falar na palavra *sustentabilidade*, mas o que ela significa? Por que é fundamental falar da problemática ambiental no contexto político das eleições?

Um pouquinho de história da gestão ambiental no nosso país ajuda-nos a refletir sobre essas questões.

No ano de 1981, o Brasil estabeleceu uma legislação que instituiu a Política Nacional do Meio Ambiente. Essa Política prevê a ação do governo para o equilíbrio ecológico, considerando o meio ambiente como um patrimônio público a ser assegurado e protegido, tendo em vista o uso coletivo. Naquela época, o mundo passava por reflexões sobre o esgotamento de bens naturais, e já se calculavam os enormes prejuízos e o caos econômico pela falta de recursos não renováveis.

L3: Durante a década de 1980, o termo *sustentabilidade* passou a ser usado mundialmente, e a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento divulgou, em 1987, o documento *Nosso Futuro Comum*, que define sustentabilidade como o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades. Nas entrelinhas, interpretamos a urgente necessidade de frear o ritmo consumista dos bilhões de seres humanos deste planeta e domar os desejos capitalistas de exploração voraz dos recursos naturais.

L4: A nossa Constituição Federal, de 1988, no artigo 225, reafirma que o ambiente é um bem público, que deve ser preservado para as presentes e futuras gerações, tanto pelo Poder Público quanto pela coletividade. Temos uma definição legal que não delega a gestão do

meio ambiente apenas a minorias políticas, todavia defende uma gestão compartilhada dos nossos bens comuns, na responsabilidade da manutenção saudável da dinâmica da vida.

L1: No contexto das eleições, preocupa-nos a realidade podre, de arranjos politiqueiros de grandes empresários. Eles exploram economicamente o ambiente, atrelado ao sistema capitalista, investem pesado na promoção de candidatos e procuram eleger ou reeleger representantes políticos que continuarão a facilitar os interesses econômicos das suas grandes empresas. Temos, historicamente, os exemplos das grandes empresas de mineração, da construção e do agronegócio como apoiadoras de políticos que fazem leis visando, sobretudo, aos interesses de minorias econômicas, que promovem devastação ambiental, em nome do progresso econômico de seus próprios bolsos. No campo da legislação ambiental, a todo instante, sofremos ataques ao caráter democrático no gerenciamento dos nossos bens ambientais comuns e presenciamos abusos de poder em benefício de empresários e políticos ruralistas.

L2: Com os olhos da fé, devemos enxergar a política a partir da seguinte equação ambiental: “Quanto menos biodiversidade, mais injustiça social”. A destruição da natureza na lógica do sistema insustentável gera sofrimento e morte para todos, especialmente para os mais empobrecidos. A Igreja não apenas ensina a imensa beleza e o valor das criaturas de Deus na obra da Criação, mas clama para a participação política de todos os seguidores e seguidoras de Cristo, nas decisões no que se refere à gestão ambiental compartilhada. Cristãos comprometidos com a vida não votam em políticos que só enxergam os seus próprios interesses e promovem a miséria e a devastação de outros irmãos e irmãs.

Deus nos fala

Vamos cantar para aclamar a Palavra de Deus:

Eu vim para escutar tua palavra, tua palavra, tua palavra de amor.

Eu gosto de escutar...

O mundo ainda vai viver...

Leitura: Lv 25, 1-22

L1: É muito reconfortante saber que Deus é bom, misericordioso e cuida de todas as suas criaturas. Deu a nós, seres humanos, a capacidade de conversar com Ele, de estabelecer uma ponte entre o céu e a terra. Sabemos quem é Deus por meio de Jesus Cristo, enviado a nós para completar o que falta em nossa vida.

L2: Uma das coisas mais bonitas, e ao mesmo tempo mais perigosas, dada a nós foi a liberdade. Um rápido olhar para o passado mostra-nos os enganos daqueles que construíram riquezas, modelos ideológicos e políticos, e relações com os outros como se fossem deuses.

A Bíblia Sagrada é clara ao afirmar que o senhorio é dado a Deus e que devemos respeitá-lo em cada irmão e irmã, ainda mais se forem desvalidos, se precisarem de amparo.

L3: No livro do Levítico, encontramos as leis referentes ao sábado (Lv 23,3-4) como dia do descanso para lembrar os trabalhos forçados na Babilônia, uma realidade a ser eliminada. O Ano Sabático é realizado de sete em sete anos para descanso da terra (Lv 25,1-7), e a grande festa do jubileu é celebrada a cada cinquenta anos; nela, não só descansavam a terra e os trabalhadores mas também os escravos eram libertos, e perdoavam-se as dívidas (Lv 25, 8-17). Tudo isso era feito para mostrar que Deus sustenta a cada um e dá o repouso devido a cada um; não há necessidade de explorar nem os irmãos nem a terra em busca de bens.

L4: É assim que Jesus toma a causa dos pequenos de seu tempo e defende o sentido primeiro da Lei: estar a serviço da vida. No entanto, em muitas ocasiões, as autoridades reuniram-se para garantir seu poder e sustentar seus luxos, confirmando “os mandos e desmandos” dos reis e “amarrando pesados fardos nas costas dos outros”, enquanto nem eles mesmos cumpriam tais coisas.

L1: Assim, podemos concluir que na Bíblia o ser humano nunca pode ser um meio de conseguir dinheiro, posses ou títulos, mas deve ser tratado em sua dignidade de “imagem e semelhança de Deus”, bem como não deve destruir o que está em sua volta, porque nada lhe pertence de fato, tudo é de Deus e a Deus voltará.

Vamos conversar

1. Como participamos da gestão ambiental nos nossos territórios e na realidade do Brasil? Que desafios enfrentamos?
2. De que maneira a equação “quanto menos biodiversidade, mais injustiça social” relaciona-se com o contexto político brasileiro?
3. A partir da visão bíblica e da Igreja sobre o cuidado com a Casa Comum, quais critérios ajudam-nos a discernir uma política socioambiental cristã?

Ouçamos o Papa Francisco (*Laudato Si*, n. 57-58)

É previsível que, perante o esgotamento de alguns recursos, se vá criando um cenário favorável para novas guerras, disfarçadas sob nobres reivindicações. A guerra causa sempre danos graves ao meio ambiente e à riqueza cultural dos povos, e os riscos avolumam-se quando se pensa na energia nuclear e nas armas biológicas [...]. Exige-se da política uma maior atenção para prevenir e resolver as causas que podem dar origem a novos conflitos. Entretanto o poder, ligado com a finança, é o que maior resistência põe a tal esforço, e os projetos políticos carecem, muitas vezes, de amplitude de horizonte. Para que se quer preservar hoje um poder que será recordado pela sua incapacidade de intervir quando era urgente e necessário fazê-lo?

Nalguns países, há exemplos positivos de resultados na melhoria do ambiente, tais como o saneamento de alguns rios que foram poluídos durante muitas décadas, a recuperação de florestas nativas, o embelezamento de paisagens com obras de saneamento ambiental, projetos de edifícios de grande valor estético, progressos na produção de energia limpa e na melhoria dos transportes públicos. Essas ações não resolvem os problemas globais, mas confirmam que o ser humano ainda é capaz de intervir de forma positiva. Como foi criado para amar, no meio dos seus limites germinam inevitavelmente gestos de generosidade, solidariedade e desvelo.

Preces

Pai-Nosso

Vamos rezar em dois coros a oração que o papa Francisco apresenta no final da *Laudato Si*:

Nós vos louvamos, Pai, com todas as vossas criaturas, que saíram da vossa mão poderosa.

São vossas e estão repletas da vossa presença e da vossa ternura.
Louvado sejais!

Filho de Deus, Jesus, por vós foram criadas todas as coisas.

Fostes formado no seio materno de Maria, fizestes-vos parte desta terra e contemplestes este mundo com olhos humanos.

Hoje estais vivo em cada criatura com a vossa glória de ressuscitado.
Louvado sejais!

Espírito Santo, que, com a vossa luz, guiais este mundo para o amor do Pai e acompanhais o gemido da criação; vós viveis também nos nossos corações a fim de nos impelir para o bem.

Louvado sejais!

Bênção final

O Senhor nos abençoe e nos guarde.

O Senhor nos mostre sua face e tenha misericórdia de nós.

O Senhor volte para nós o seu rosto e nos dê a paz.

O Senhor nos abençoe, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Amém!

Canto final (à escolha)

Anexo

MENSAGEM DA 56ª ASSEMBLEIA GERAL DA CNBB AO POVO BRASILEIRO - 2018

“Continuemos a afirmar a nossa esperança, sem esmorecer” (Hb 10, 23)

Nós, bispos católicos do Brasil, conscientes de que a Igreja “não pode nem deve ficar à margem na luta pela justiça” (Papa Bento XVI – *Deus Caritas Est*, 28), olhamos para a realidade brasileira com o coração de pastores, preocupados com a defesa integral da vida e da dignidade da pessoa humana, especialmente dos pobres e excluídos. Do Evangelho nos vem a consciência de que “todos os cristãos, incluindo os pastores, são chamados a preocuparem-se com a construção de um mundo melhor” (Papa Francisco – *Evangelii Gaudium*, 183), sinal do Reino de Deus.

Neste ano eleitoral, o Brasil vive um momento complexo, alimentado por uma aguda crise que abala fortemente suas estruturas democráticas e compromete a construção do bem comum, razão da verdadeira política. A atual situação do país exige discernimento e compromisso de todos os cidadãos e das instituições e organizações responsáveis pela justiça e pela construção do bem comum.

Ao abdicarem da ética e da busca do bem comum, muitos agentes públicos e privados tornaram-se protagonistas de um cenário desolador, no qual a corrupção ganha destaque ao revelar raízes cada vez mais alastradas e profundas. Nem mesmo os avanços em seu combate conseguem convencer a todos de que a corrupção será definitivamente erradicada. Cresce, por isso, na população, um perigoso descrédito com a política. A esse respeito, adverte-nos o

Papa Francisco que, “muitas vezes, a própria política é responsável pelo seu descrédito, devido à corrupção e à falta de boas políticas públicas” (*Laudato Si*, 197). De fato, a carência de políticas públicas consistentes, no país, está na raiz de graves questões sociais, como o aumento do desemprego e da violência que, no campo e na cidade, vitima milhares de pessoas, sobretudo, mulheres, pobres, jovens, negros e indígenas.

Além disso, a perda de direitos e de conquistas sociais, resultado de uma economia que submete a política aos interesses do mercado, tem aumentado o número dos pobres e dos que vivem em situação de vulnerabilidade. Inúmeras situações exigem soluções urgentes, como a dos presidiários, que clama aos céus e é causa, em grande parte, das rebeliões que ceifam muitas vidas. Os discursos e atos de intolerância, de ódio e de violência, tanto nas redes sociais como em manifestações públicas, revelam uma polarização e uma radicalização que produzem posturas antidemocráticas, fechadas a toda possibilidade de diálogo e conciliação.

Nesse contexto, as eleições de 2018 têm sentido particularmente importante e promissor. Elas devem garantir o fortalecimento da democracia e o exercício da cidadania da população brasileira. Constituem-se, na atual conjuntura, num passo importante para que o Brasil reafirme a normalidade democrática, supere a crise institucional vigente, garanta a independência e a autonomia dos três poderes constituídos – Executivo, Legislativo e Judiciário – e evite o risco de judicialização da política e de politização da Justiça. É imperativo assegurar que as eleições sejam realizadas dentro dos princípios democráticos e éticos para que se restabeleçam a confiança e a esperança tão abaladas do povo brasileiro. O bem maior do país, para além de ideologias e interesses particulares, deve conduzir a consciência e o coração tanto de candidatos, quanto de eleitores.

Nas eleições, não se deve abrir mão de princípios éticos e de dispositivos legais, como o valor e a importância do voto, embora este não esgote o exercício da cidadania; também importa o compromisso de acompanhar os eleitos e participar efetivamente da construção de um país justo, ético e igualitário. Nesse processo, é essencial

a lisura do processo eleitoral, fazendo valer as leis que o regem, particularmente, a Lei 9840/1999 de combate à corrupção eleitoral mediante a compra de votos e o uso da máquina administrativa, e a Lei 135/2010, conhecida como “Lei da Ficha Limpa”, que torna inelegível quem tenha sido condenado em decisão proferida por órgão judicial colegiado.

Neste Ano Nacional do Laicato, com o Papa Francisco, afirmamos que “há necessidade de dirigentes políticos que vivam com paixão o seu serviço aos povos, (...) solidários com os seus sofrimentos e esperanças, que antepõem o bem comum aos seus interesses privados, que não se deixem intimidar pelos grandes poderes financeiros e midiáticos, que sejam competentes e pacientes face a problemas complexos, que sejam abertos a ouvir e a aprender no diálogo democrático, que conjuguem a busca da justiça com a misericórdia e a reconciliação” (Mensagem aos participantes no encontro de políticos católicos – Bogotá, dezembro/2017).

É fundamental, portanto, conhecer e avaliar as propostas e a vida dos candidatos, procurando identificar, com clareza, os interesses subjacentes a cada candidatura. A campanha eleitoral torna-se, assim, oportunidade para os candidatos revelarem seu pensamento sobre o Brasil que queremos construir. Não merecem ser eleitos ou reeleitos candidatos que se rendem a uma economia que coloca o lucro acima de tudo e não assumem o bem comum como sua meta, nem os que propõem e defendem reformas que atentam contra a vida dos pobres e sua dignidade. São igualmente reprováveis candidaturas motivadas pela busca do foro privilegiado e outras vantagens.

Reafirmamos que “dos agentes políticos, em cargos executivos, se exige a conduta ética, nas ações públicas, nos contratos assinados, nas relações com os demais agentes políticos e com os poderes econômicos” (CNBB – Doc. 91, n. 40 – 2010). Dos que forem eleitos para o Parlamento, espera-se uma ação de fiscalização e legislação que não se limite à simples presença na bancada de sustentação ou de oposição ao Executivo (cf. CNBB – Doc. 91, n. 40 – 2010). As eleições são ocasião para os eleitores avaliarem os candidatos, sobretudo, os que já exercem mandatos, aprovando os que honraram

o exercício da política e reprovando os que se deixaram corromper pelo poder político e econômico.

Exortamos a população brasileira a fazer desse momento difícil uma oportunidade de crescimento, abandonando os caminhos da intolerância, do desânimo e do desencanto. Incentivamos as comunidades eclesiais a assumirem, à luz do Evangelho, a dimensão política da fé, a serviço do Reino de Deus. Sem tirar os pés do duro chão da realidade, somos movidos pela esperança, que nos compromete com a superação de tudo o que aflige o povo. Alertamos para o cuidado com *fake news*, já presentes neste período pré-eleitoral, com tendência a se proliferarem, em ocasião das eleições, causando graves prejuízos à democracia.

O Senhor “nos conceda mais políticos, que tenham verdadeiramente a peito a sociedade, o povo, a vida dos pobres” (Papa Francisco – *Evangelii Gaudium*, 205). Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil, seja nossa fiel intercessora!

**CRISTÃOS E CIDADÃOS
RUMO ÀS ELEIÇÕES
2018**